



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9956 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

DA ESCRITA À VÍDEO-CARTA: EXERCÍCIOS DE UMA PEDAGOGIA ENGAJADA DE MÃOS DADAS COM A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Roselete Fagundes de Aviz - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

DA ESCRITA À VÍDEO-CARTA: EXERCÍCIOS DE UMA PEDAGOGIA ENGAJADA DE MÃOS DADAS COM A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Resumo

A pesquisa em que este trabalho se baseia tem como objetivo pôr em confluência a pedagogia crítica de Paulo Freire, o antirracismo e o feminismo, perspectiva defendida por bell hooks^[1] como *pedagogia engajada*, cuja ideia é a de que a partilha de experiências pessoais em sala de aula é fundamental para a *tomada da palavra*. Ao encorajar o(a) estudante a “erguer a voz”, a autora defende uma maneira de criar uma *comunidade de aprendizagem*, na qual todos se interessem pelas discussões e sintam que os conteúdos possuem vínculos e respondem a inquietações de suas próprias vidas. No ato de “erguer a voz”, pela *tomada da palavra*, os(as) estudantes deixam de ser objetos para tornarem-se *sujeitos*. Essa, então, constitui-se como a premissa básica da “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1991). A metodologia pauta-se na escrita e na troca de *cartas em formação*: registros de experiência *em processo*, transformada, posteriormente, em *vídeo-cartas*. Como resultados parciais, compreende-se que a escrita de cartas aliada à prática audiovisual: *vídeo-carta*, além de um registro em processo, pode proporcionar a possibilidade da conversa: falar e ser capaz de nomear. Assim, “erguer a voz” constitui-se como uma forma fundamental de reclamar para si a posição de sujeito.

Palavras-chave: Pedagogia engajada; Tomada da palavra; Cartas em formação; Vídeo-carta; Educação como prática da Liberdade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir sobre alguns aspectos principais da pesquisa acadêmica que conduzimos, entre 2019 até a presente data, sobre o ato de “erguer a voz” pela *tomada da*

palavra na experiência da *viagem de formação* inicial de professores. Tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre as contribuições metodológicas dessa investigação, no que se refere à troca de correspondência virtual de *cartas-em-formação* e à *vídeo-carta* para a criação de uma *comunidade aberta de aprendizagem* cuja base é a “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1991). Nesse exercício, os(as) estudantes deixam de ser objetos para tornarem-se *sujeitos*, pensado aqui como aquele que age, enuncia, produz; e o *outro*, aquele que está na posição de objeto, inerte, passivo.

Para hooks, não há como pensar sobre a frágil alternativa da liberdade sem que se coloque em primeiro plano os sentidos da afirmação da igualdade. Em seu trabalho, cujos fundamentos expressam-se explicitamente em seu livro, “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, a autora declara que “a escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo” (hooks, 1994/2017, p. 11). Toda essa euforia que transborda o texto da autora tem um sentido: suas professoras ensinavam seus(suas) estudantes considerando, primeiramente o princípio de igualdade.

Não há educação libertadora, politicamente justa – isto é, não se abre uma política consistente para a educação – enquanto educadores, educadoras, educandas e educandos se colocarem acima – ou abaixo – uns dos outros. Para o educador ou educadora, há uma exigência política de igualdade: ninguém acima, ninguém abaixo. Nenhuma vida superior, nenhuma vida inferior, pois quando há vidas superiores e inferiores, há obediência cega, se segue ordens, se satisfaz, se premia, se castiga... Não se pensa junto, não se dialoga, não se escuta (KOHAN, 2019, p. 86).

Em obras como “Pedagogia do Oprimido,” “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” e “Por uma Pedagogia da Pergunta” (composta de diálogos entre Freire e Antonio Faundez), bell hooks menciona que sentiu profunda empatia e identificação com os escritos freireanos, primeiramente por sua escrita descolonizadora: a escrita de cartas. Ao defender esse gênero textual como lugar da voz e da escuta para possibilidade da *tomada da palavra*, Freire dizia aos seus interlocutores: “escrever cartas pedagógicas em estilo leve” (FREIRE, 2000, p. 37). Isso não significa que o autor considerava a carta como um gênero menor, uma escrita menos qualificada. Por trás dessa prática, estava uma questão fundamental de defender a voz/escuta na relação pedagógica como ato político, no sentido de uma defesa à *tomada da palavra*, elemento fundamental à educação democrática, bem como ao epistemicídio.

Para Boaventura Souza Santos (2009), epistemicídio é um dos elementos de violência inerente ao processo colonial, junto ao genocídio. O primeiro tornou-se um dispositivo duradouro da dominação por meio da negação da legitimidade das formas de saberes dos grupos dominados e do próprio reconhecimento desses membros enquanto sujeitos de conhecimento. Um processo de destituição da racionalidade, da cultura e da civilização do outro.

Na perspectiva de uma Educação que se comprometa com o sujeito e a sua palavra, bell hooks, em contato com a escrita de Freire: as cartas, percebe uma potente consideração e valorização do autor por todas as pessoas e seus saberes, uma vez que ela própria possui origem rural e vivenciou a ligação profunda de suas antigas professoras negras do secundário com a Educação como prática da liberdade.

Nessa linha de pensamento, vemos a importância de prestar atenção àquilo que hooks (2019) caracterizou como “erguer a voz” que, dito de outro modo, significa *tomar a palavra*, uma vez que encontrar a voz é um ato de resistência. Falar torna-se tanto uma forma de engajar-se em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa

de ser objeto e transforma-se em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros (hooks, 2014/2019, p. 45).

Assim, a escrita e a troca de cartas em instâncias digitais constitui-se como um espaço valioso de pesquisa. É desse espaço como o lugar da voz e da escuta para a *tomada da palavra*, que este artigo afirma a *experiência* das *cartas-em-formação*, no sentido de uma *corresvivência*.

CARTAS-EM-FORMAÇÃO: ESPAÇO DE VOZ, ESCUTA, AUTORIA E TOMADA DA PALAVRA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

A estratégia da escrita e troca de cartas, utilizada na pesquisa que embasou este trabalho, teve suas características próprias, determinadas pelo que denominamos como *cartas-em-formação*. Não é, portanto, o escrito, fechado em envelope, que se dirige a alguém, tal como aparece em uma das definições do dicionário, mas o texto – aquele que escrevemos uns aos outros, quando queremos falar sobre *o que nos passa, o que nos toca, o que nos acontece*, uma *experiência* na *viagem de formação*.

Nessa perspectiva, colocamos Paulo Freire como um dos principais pilares dessa prática em defesa de uma Educação como prática da liberdade, ao lado de Mikhail Bakhtin, ao pensar a *autoria* e o *motivo do encontro*; Mário de Andrade, por defender as cartas como exercício de cumplicidade e prática de amizade e, por fim, bell hooks, cujo trabalho sobre o ato de “erguer a voz” está ligado à *tomada da palavra*.

As cartas são escritas, mas também compartilhadas. A voz que se mostra na escrita das cartas e a escuta que se encena na *experiência* da troca de correspondências entre estudantes constituem-se como uma prática de voz, escuta e autoria, aspectos fundamentais para a *tomada da palavra*. Nessa perspectiva, há necessidade não somente de escrever e ler, mas é fundamental colocar o texto em voz alta.

Durante a *experiência* de compartilhamento, cada ouvinte é transportado para a casa do(a) estudante, onde acontece a leitura. Ao final, o(a) destinatário(a) mostra-se em *corresvivências*: o que sentiu, tocou-o, atravessou-o. O processo de escrita é em dupla, ou seja, embora cada escrita seja individual, tem seu destinatário definido, com o qual compartilha a *experiência* todas as semanas. Nessa perspectiva, as aulas são denominadas *encontros-aula*, pelo *motivo do encontro* (BAKHTIN, 1998), uma vez que o que está em primeiro plano é o *encontro com o outro*, ou ainda o *encontro com a palavra do outro* ou a *contrapalavra do outro* para, a partir daí, construir conhecimentos, principalmente constituir-se como sujeito, movimento que se dá na troca de correspondências.

Apesar de a pesquisa ter nascido em tempos de ensino presencial, com o início do isolamento social, ela ganha outros sentidos e amplia-se com a *experiência* da *vídeo-carta*.

Além de Paulo Freire e bell hooks, outro autor fundamental à pesquisa, no sentido de pensar as cartas como metodologia, é Mário de Andrade. Para esse autor, nas cartas, podemos experimentar uma escrita simples, ao mesmo tempo que “nos permite aprofundar temas e assuntos diversos, instaura a hesitação, incita reações, dialogando com simplicidade” (MORAES, 2001, p.17). Diante de tantas possibilidades de formação que a escrita de carta pode inspirar, as cartas, também na perspectiva de Mário de Andrade, conservam, no espaço

que se escreve e “no silêncio sub-reptício da cumplicidade, ‘a grande nobreza humana’, revelando-se o espaço ideal para os enlevos sentimentais e para a elaboração do pensamento” (MORAES, 2001, p.17). O autor ainda faz uma outra consideração, a nosso ver, essencial ao caráter da carta, principalmente neste tempo presente: “a carta socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade” (MORAES, 2001, p.17).

DISCUSSÕES E DESDOBRAMENTOS

Esta pesquisa ainda está em andamento, portanto, não é possível apontar com precisão os resultados obtidos. Mas, algumas reflexões já podem ser evidenciadas no que se refere à *tomada da palavra na comunidade de aprendizagem sala de aula*, base para uma *pedagogia engajada*. A primeira constatação é que a pesquisa afirma a escrita de *cartas-em-formação* não somente como uma escrita em processo, mas compreende, principalmente, o ato de compartilhar e “erguer a voz”: colocar o texto em voz alta na troca que se faz em *vídeo-carta*, como fundamental à *tomada da palavra*, uma vez que “ler é bom, mas não o suficiente. Palavras significam mais do que é colocado no papel (ou na tela). É preciso a voz humana para dar a elas as nuances do significado mais profundo” (ANGELOU, 2018, p.122). Além de que compartilhar quer dizer ouvir o que o outro tem a dizer: conversar.

Outra constatação é que quando chega a tão esperada carta, ela oferece-nos uma experiência de intimidade e escuta, sabendo que já não morreremos porque atendemos a convocação à narração. A troca de *cartas-em-formação*, principalmente neste tempo presente, permite-nos perceber o quanto a *experiência* das *corresvivências* são promessas de vida.

Por último, os deslocamentos nas relações educativas, produzidos pela escrita e troca de cartas uma vez que o foco já não é mais somente *o que se aprendeu* no encontro, mas sim *o que acontece entre nós*. Essa constatação, segundo Skliar (2014), tem por princípio dois movimentos: o primeiro, diz respeito à mudança gramatical de falar *ao* ou *à* e se pôr a falar *com*. É desse movimento que surge o segundo: a procura por uma *língua comum*. Na *experiência* dessa pesquisa, a *língua comum* são as cartas, uma vez que nesse exercício há uma significativa mudança gramatical: ninguém faz *à*, mas *com*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito das pesquisas científicas e acadêmicas, há que se considerar as inovações tecnológicas como potenciais aliadas do(a) pesquisador(a). No caso deste trabalho, nossa atenção voltou-se ao potencial das cartas digitais (*cartas-em-formação*) e a *vídeo-carta* na criação de procedimentos de pesquisa.

Considerando os objetivos da investigação da qual se origina este texto, tais procedimentos foram determinantes como forma de registro e escuta, para fazer emergir as vozes dos(das) estudantes. A metodologia das escritas das *cartas-em-formação*, associada a *vídeo-carta*, favoreceu a transformação dessa escrita em voz pelo exercício que a escuta das trocas de cartas proporcionou.

A transformação da escrita em voz pela experiência da *vídeo-carta* foi também um

material fértil para estudar as funções das palavras, a organização dos elementos que compõem as cenas de escrita para criar significações, o colorido que faz da linguagem uma narrativa. Vivida como *experiência*, pôde trazer compreensão melhor na transformação das cartas escritas em roteiros de *vídeo-cartas*. Cada roteiro criado a partir das narrativas mostrou, na prática, a diferença entre a utilização mecânica da linguagem, seja ela escrita ou audiovisual, e a potencialidade poética que cada “carta-experiência” pode carregar.

O exercício da troca de cartas reafirma, nesta pesquisa, as palavras de hooks e seu pensamento embasado no mestre Paulo Freire, no sentido da importância desta pesquisa que se implica com a *tomada da palavra*: “erguendo a voz”, em razão de falar por mim mesmo e escrever por mim mesmo, em primeira pessoa, com minhas próprias palavras, mas também compartilhá-las. Nessa perspectiva, a Educação pode assumir a intencionalidade desse esforço humano de um olhar sobre o que acontece “entre-nós” na *comunidade de aprendizagem*, fundamento da *pedagogia engajada*, que se caracteriza como sala de aula, seja ela presencial ou virtual.

REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiane Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes: 1994/2017.
- hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2014/2019.
- KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- MORAES, Marcos Antoni (Org.). **Correspondência: Mario de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Editora USP: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. 2ª. ed., 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.
- SKLIAR, Carlos Bernardo. **Desobedecer a linguagem: educar**. Tradução Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

[1] O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula

pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.